



## A REVOLUÇÃO SEXUAL E O FEMINISMO DE ROSE MARIE MURARO ATRAVÉS DA IMPRENSA ALTERNATIVA CONTRACULTURAL NOS ANOS 70

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3356

Patrícia Marcondes de Barros, UNESPAR

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar a ideia de feminismo de Rosie Marie Muraro (1930-2014) através de artigos veiculados na imprensa alternativa de cunho contracultural, nos anos 70. Através de seus artigos, num contexto de recrudescimento da ditadura militar no Brasil concomitante a revolução sexual em curso, deu visibilidade a luta da mulher, trazendo assuntos “intocáveis” até então pela História Social, a exemplo da sexualidade da mulher brasileira. Através de pesquisa bibliográfica e documental abordaremos em um primeiro momento a revolução sexual proposta pela contracultura e sua relação intrínseca com os movimentos das chamadas minorias; e no segundo, a contribuição das obras de Muraro na divulgação no Brasil da chamada “nova consciência” (relacionada a contracultura) e suas reverberações no feminismo. Inspirada no antropólogo e crítico americano Norman O. Brown, acreditou que a questão sexual deveria ser superada, indo além do entendimento binário geralmente naturalizado pelo sistema. Podemos afirmar que a base do pensamento de Muraro consiste na crítica sistemática ao sistema capitalista patriarcal e seus aparatos de dominação que expressam as dualidades e, conseqüentemente, as opressões, os sofrimentos e as neuroses. Suas principais premissas alcançam o século XXI ainda como transgressoras, frente a um país arraigadamente machista e que passa por um momento de grande retrocesso em todos os âmbitos, com as alas conservadoras em crescente ascensão.

### Palavras Chave:

Contracultura;  
Revolução Sexual;  
Literatura Feminista;  
Ditadura Militar de 64;  
Rose Marie Muraro.

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o pensamento de Rosie Marie Muraro (1930-2014), tida como uma das principais feministas brasileiras e interlocutora das ideias libertárias nos anos 70. Através de sua intensa participação no cenário cultural brasileiro com a publicação de artigos, livros, traduções e sua inserção no feminismo, num contexto de repressão ditatorial, deu visibilidade à luta emancipatória da mulher na perspectiva da contracultura. Em suas obras colocou à tona, assuntos até então negligenciados pela História Social, relacionados à luta das chamadas “minorias”.

Em uma de suas entrevistas concedida para a revista *Bondinbo* (1971-1974) com o inusitado título “Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher” (1972, p.45) é perceptível à influência que Muraro recebeu do antropólogo e crítico americano (de origem mexicana) Norman O. Brown, no concernente à ideia de superação da questão sexual, indo além do seu entendimento binário (“homem ou mulher”), geralmente apresentado. Influenciada pelos movimentos de contracultura que eclodiam no mundo, analisou também em suas obras, a androginia, um dos temas colocados pela Revolução Sexual em curso, protagonizados pelos então jovens da era eletrônica.

Dividiremos esta comunicação em dois momentos: no primeiro, abordaremos de forma geral como o movimento contracultural abordou a temática sobre a sexualidade, dando visibilidade aos movimentos feministas até então minorizados pela história oficial e, no segundo; a contribuição de Muraro no cenário cultural brasileiro, especificamente, na divulgação da chamada “nova consciência” relacionada à contracultura *hippie* e a construção do feminismo no Brasil.

## A Revolução Sexual proposta pela contracultura

O movimento denominado de contracultura emergiu nos anos 60 como resposta crítica frente às ilusões do capitalismo e pelo rigoroso sistema tecnocrático. Seu caráter político ganhou visibilidade nos Estados Unidos através da luta integrada pelos direitos civis dos negros, homossexuais e mulheres, da inserção do jovem enquanto importante ator social, do pacifismo, do pensamento ecológico, entre outras novas proposições que não eram contempladas na chamada política tradicional.

A busca por uma existência autêntica levou a juventude contracultural nos anos 60 a ampliar o conceito de política, estendendo-o ao corpo, ao comportamento dos indivíduos, à questão sexual. As considerações marxistas, já não respondiam aos novos paradigmas que se impunham a um mundo eletrônico, desterritorializado, diverso e complexo.

Luiz Carlos Maciel, principal interlocutor da contracultura brasileira, afirma:

(...)Para os jovens comer evidentemente não é tudo. Pelo contrário, a juventude é uma fase da vida em que todos os instintos florescem. Havia por exemplo, uma questão muito importante para os jovens sobre a qual o marxismo não dizia nada e que estava relacionada ao sexo. Muitas pessoas que foram formadas, que se desenvolveram e evoluíram a partir da perspectiva marxista, chegaram ao ponto de perceberem que era preciso alargá-la por exigência de sua própria vida cotidiana, na qual o sexo desempenhava um papel importantíssimo, preponderante, talvez a principal preocupação das pessoas. E, no entanto, a sua postura ideológica não tratava desse assunto (MACIEL,1978, p.34-35).

Maciel assinava a coluna *Underground* (1969-1971), veiculada no

semanário *O Pasquim* (1969-1985), pioneira na abordagem da contracultura e dos ecos dessa no Brasil. Recebeu inúmeras cartas de leitores que procuravam soluções para suas vidas de maneira não convencional. O principal teor das cartas era sobre a sexualidade.

Em entrevista, Maciel (2005) comenta:

(...) “Ah, quer dizer que eu posso?” Era um anseio generalizado por uma liberdade sexual maior. Isso era o que animava e motivava todo mundo. Era mulher que queria deixar o marido, “dar por aí”, o outro rapaz que queria ser gay, a menina também que queria ser sapata...era esse negócio assim de liberdade sexual, o grande apelo da transação toda, das pessoas encontrarem liberdade sexual e atingirem a felicidade. Porque estavam submetidas às repressões externas e internas. Alguns reclamavam das repressões externas; outros, pela repressão interna que não permitia que eles fizessem as coisas que queriam fazer. Então eu acho que esse foi o grande impacto e a transformação de comportamento nessa área de sexo, acho que foi a mais profunda que houve naquela época. Porque até esta fase da contracultura, os costumes sexuais eram inteiramente repressivos mesmo! A mulher não podia casar se não fosse virgem, porque isso era um escândalo! Mil coisas que hoje não tem a menor importância, tinha uma importância incrível na época! Então foi uma coisa assim libertadora, que aliviou muita gente...

Em contraponto a repressão sexual, desenha-se com a proposta contracultural, a formação de uma “nova consciência” que abarcava temáticas consideradas até então, “sem tanta importância” frente a problemas tidos pelas alas conservadoras da direita e esquerda, como “sérios”, estruturais. Sobre a sexualidade, dentro da perspectiva

da contracultura, discutiu-se acerca do corpo e de como as instituições (estado, escola e família, a exemplo) a controlavam de forma autoritária.

Obras que discutiam a sexualidade na perspectiva social e psicanalítica como as de Wilhelm Reich, Herbert Marcuse e Norman O. Brown balizou parte da juventude contracultural desperta para a mudança de consciência em relação à sociedade e a vida que se desejava. Pois só através de uma sexualidade sadia se poderia mudar a sociedade, aniquilando as dualidades que geram os conflitos e, conseqüentemente, as neuroses.

Para ser efetiva a transformação social, fazia-se necessário o rompimento com as antigas formas de se viver, estabelecidas pelo sistema. O lema da juventude imersa na contracultura era o “*drop out*”, o “cair fora” do sistema, expressando os contornos de uma nova sociedade, com cunho alternativo. A partir da ideia de se formar uma nova sociedade surgiu às comunidades alternativas, antagônicas ao modelo familiar monogâmico. Segundo o psiquiatra David Cooper, a família tradicional consistia no aparato de dominação mais eficaz da sociedade contemporânea, portanto era importante discuti-la e ressignificá-la.

Segundo Cooper (1986), o ponto crucial da família é o de induzir o indivíduo ao conformismo através de uma educação normatizadora e alienadora, perpetuada entre gerações. É neste estado “obediente”, que se encontra o indivíduo considerado “normal” pelo sistema, alheio a todas as facetas de sua própria experiência pessoal, a todo impulso espontâneo para ação e a mais elementar consciência do seu corpo (COOPER, 1986, p.15-16).

A perspectiva de uma outra concepção de “família”, advinda da ideia das comunidades não autoritárias reichiana, acenava a possibilidade de gerir um novo indivíduo, livre das compulsões neuróticas engendradas em prol do

sistema estabelecido.

“Da cidade para o campo” e “da família para a comunidade”, tudo se tornava comunal: a economia, as tarefas cotidianas, o sexo e o amor. A formação das comunidades foi anunciada no teatro pelo estilo diferenciado de vida do *Living Theater*. O referido grupo, apesar das frequentes dificuldades financeiras, considerava as mesmas abstratas e de fácil resolução; diferente da questão sexual, supervalorizada no grupo. Nesta comunidade havia uma grande atividade sexual entre os membros, contudo, se esbarravam em um problema contraditório sob o ponto de vista da nova consciência: os ciúmes (a questão da posse). O trabalho e a vida pessoal se misturavam, abastecendo-se reciprocamente. A criação artística era algo do coletivo, uma experiência vital não dissociada das outras instâncias da vida pessoal. No Brasil, uma das mais conhecidas comunidades que representou o novo modelo familiar advindo das ideias contraculturais, foi dos “Novos Baianos”. Localizada em Botafogo, no Rio de Janeiro, foi composta inicialmente pelos artistas Baby Consuelo, Luiz Galvão, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor e Pepeu Gomes.

A nova organização social das comunidades tinha como base às relações livres e não compulsórias entre os membros e a ausência de repressão sexual. Contudo, tal processo não se deu de forma efetiva pois havia por parte dos seus integrantes, a internalização da família tradicional e do sistema, de forma geral.

Muitas das propostas contraculturais emergiam mais como um anseio romântico do que como efetiva transformação social, ainda que suas reverberações alcancem os dias atuais (a exemplo das ações de sustentabilidade e luta das minorias por seus direitos civis). O caráter assistemático de suas ações inviabilizou a compreensão de suas principais ideias, até mesmo pelos seus simpatizantes. No Brasil, a exemplo, havia

escassas fontes de informação sobre o assunto e a travessia de suas principais ideias se deu tardiamente, em fins da década de 60, se estendendo a década de 70. Ganhou suas primeiras expressões através da revolução estética e comportamental propiciada pelo Tropicalismo, ganhando vazão durante a década de 70 de forma marginal, com a publicação de livros, impressos alternativos e manifestações artísticas, num período de total cerceamento da liberdade, sob a égide da ditadura militar.

Indo além dos conceitos de luta de classes, educação, psiquiatria, identidade nacional, política, sexualidade, homem e mulher, a contracultura caminhou na contramão dos discursos lineares. Imersos no aforismo de Marshall McLuhan: “O meio é a mensagem” e assim, da ideia de internacionalização da contracultura *hippie* através dos meios de comunicação, tinham como princípios básicos: a liberdade e experimentação em todos os âmbitos. Sua revolução comportamental trouxe uma dimensão estético-erótica, que se contrapôs ao consumismo, ao conformismo e a competição. Em prol de uma tomada de consciência existencial e reencantamento da vida com os valores da felicidade, paz e beleza em todo planeta, desejou-se uma nova era. Muraro afirma que:

(...) Mulheres, jovens, negros, oprimidos, todas as classes de pessoas dominadas por uma minoria, nesta segunda metade do século vinte, e que também a época da comunicação eletrônica planetária despertam. As autoridades, acostumadas a pensar politicamente esquecem-se que esta revolução eletrônica é também a revolução da informação e da informação planetária. Portanto, acima de qualquer política e qualquer cultura. A televisão e os teletipos não sabem respeitar fronteiras nem políticas nem ideologias. Invadem tudo. Não há mais isolamento possível ao mundo eletronicamente unificado

((MURARO, Rose Marie. Feminismo e Androginia. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.07).

A nova era marcada pelo advento da pílula anticoncepcional (o que simbolizava para as mulheres, o sexo não apenas para a procriação, mas para o prazer), das comunidades em detrimento da família tradicional, da “curtição” em contraponto ao casamento monogâmico e do prazer em detrimento à ânsia de poder propagada pelo sistema capitalista, foram algumas das propostas contraculturais relacionadas ao campo da sexualidade. A necessidade de se combater todas as formas de poder e opressão advinda da sociedade patriarcal estabeleceu a interseção com o movimento feminista. Podemos afirmar que o feminismo foi e é uma contracultura em seu discurso intelectual, filosófico e político na busca da equidade de gênero.

### **O Feminismo de Rose Marie Muraro**

(...)A mulher é a grande oprimida da sociedade patriarcal. A própria sociedade de classes repousa, em primeiro lugar, na dominação da mulher pelo homem, que impede o homem de perceber que ele também é um dominado. Na era tecnológica, a civilização patriarcal foi mais questionada do que em todos os 10 mil anos de sua existência: através da disseminação da informação técnico-científica, chegou ao nível da consciência da humanidade, como um todo, a noção da estrutura dominante-dominado. [...] Antes só havia uma consciência de luta de classes, que era a mais aparente; hoje o homem tem consciência de que a luta de classes é apenas uma expressão menor diante da estrutura global, daí só se pode falar em uma luta de culturas: a cultura dominante e a contracultura. E todas as lutas contra a opressão constituem uma luta global a que hoje chamam de

contracultura. Não existem mais países, nem sexos, idades, nem raças, nem classes em luta. Existe sim uma mentalidade dominante e uma mentalidade dominada, que está adquirindo consciência numa velocidade incrível e planetária, no mundo inteiro, nos países capitalistas e nos países socialistas, na África primitiva e na Europa desenvolvida. Assim a luta do jovem que se recusa a ser propriedade da família, e a luta da mulher que se recusa a ser propriedade do homem, nos mesmos termos em que os países subdesenvolvidos se recusam a ser propriedade dos países desenvolvidos, são expressões específicas dessa luta de culturas. — O que existe de comum nessas lutas? — É a ruptura da relação dominante-dominado, que leva consigo a luta pela recuperação do corpo. Quando um pobre descobre que pode ter acesso a uma vida melhor, com mais comida, e a mulher descobre que pode ter uma vida sexual mais plena, e o jovem descobre a vivência plena dos sentidos e da inteligência - tudo isso tem uma base comum que é a recuperação da vida do corpo em todas as dimensões. (JARY. Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher - entrevista com Rose Marie Muraro. Bondinho, São Paulo. 31/03 a 13/04 de 1972, p. 45.)

Rose Marie Muraro foi autora de mais de 40 livros, editora de mais de 1600 títulos, abarcando temas diversificados como feminismo, sexualidade, juventude, ecologia, educação, entre outros. Física, economista e escritora, ingressou na Editora Vozes em 1961, quando trabalhou com Leonardo Boff durante dezessete anos gerindo não apenas o feminismo, como também, a Teologia da Libertação. Criou a editora Forense Universitária (1965) e a Rosa dos Tempos (1990), primeira dedicada as mulheres do Brasil em sociedade com Laura Civita, Ruth Escobar e a Editora Record. Foi

fundadora do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres e nomeada pelo governo federal a “Patrona do Feminismo Brasileiro” (2005). Sua vida intensa pode ser vislumbrada através de suas obras, tidas pela mesma “como uma forma eficaz de incendiar o mundo” (1999). Em sua autobiografia intitulada: “Memórias de uma mulher impossível” (1999), conta sua trajetória como intelectual, deixando transparecer seu olhar sensível em relação à existência e a sobrevivência da mulher em um mundo machista. Traça um painel das mais relevantes tendências culturais e sociais da segunda metade do século XX, no Brasil e das suas experiências com as drogas, a loucura, o câncer e a militância na Esquerda Católica. “Só o impossível cria o novo”, sua máxima, mediante as “impossibilidades” que enfrentou sendo mulher e visionária, imersa na aspereza cotidiana da sociedade capitalista patriarcal que vivenciou intensamente, pois advinha de família abastada (Muraro nasceu em uma das mais ricas famílias do Brasil e em sua adolescência, com a morte repentina do pai e as lutas pela herança, rejeitou sua parte). Criou “o novo” através de seu pensamento, em prol de uma humanidade livre.

Até 1970 não existia muitos escritos no Brasil sobre a questão da mulher em sociedade, apenas algumas teses universitárias e o livro de Carmem da Silva “Arte de ser mulher” (DIAS, 2003). Muraro lança seu primeiro livro abertamente feminista em 1970, intitulado “Libertação sexual da mulher”, pela Editora Vozes. Nele apresenta teses feministas difundidas por mulheres e alguns homens do mundo inteiro. Muraro afirma em depoimento (2007) que tomou conhecimento do feminismo através de Madre Cristina que a presenteou com o livro da feminista norte-americana Betty Friedman (1921-1936), intitulado *A mística feminina* (1963). A referida obra deu origem ao movimento de libertação das mulheres nos Estados Unidos e foi traduzida e lançada por Muraro em 1971, pela Editora Vozes. A obra, segundo Muraro, tem

cunho libertador, pois tratava da autonomia feminina, inclusive a sexual, com o direito natural da mulher atingir seus orgasmos. A questão do orgasmo, hoje tão comentada e reverenciada, foi reprimida na mulher desde a Idade Média até as décadas de 50 e 60 do século XX (ainda que existam muitos tabus em pleno século XXI). As mulheres “recatadas e do lar” não poderiam sentir prazer sexual, caso contrário, se levantaria grandes suspeitas sobre sua “dignidade”. Ou seja, a “mulher/esposa” era concebida como objeto doméstico e sexual para satisfazer apenas as necessidades do marido. Apesar do assunto ser tratado com desdém, como história menor mediante a situação de ditadura militar e cerceamento da liberdade de expressão, a ocasião de lançamento da tradução de Muraro da obra *A Mística Feminina* escandalizou o país, pois contou com a presença ilustre da própria autora, a feminista Betty Friedman. Esta anunciou pelos meios comunicacionais que era uma cidadã democrática e desconsiderava o governo militar. Tal depoimento trouxe inúmeros aborrecimentos à anfitriã, não apenas oriundas do governo ditatorial, mas também da Igreja Católica (a qual era relacionada) e a mídia, que ridicularizou Friedman. A causa feminista a contragosto da mídia e impulsionada pela mesma, ganhou grande visibilidade devido a esta ocasião singular. Muraro interpretou a reação negativa de setores conservadores como “a expressão de uma sociedade patriarcal que se sentia ameaçada por uma mudança no papel da mulher” (MURARO, Rose Marie. *Feminismo e Androginia*. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06).

Aproveitando a perseguição da mídia, Friedman a usou em favor da própria causa e fez duras críticas à sociedade de consumo, ocasionadora da opressão feminina no mundo.

Essas provocações às feministas não são tão desconhecidas das mulheres do século XXI: termos chulos, “frases

feitas” e piadas politicamente incorretas fazem parte do cotidiano das mulheres em seu trabalho, lazer, vida familiar, além das redes sociais, a exemplo.

São muitas as obras, entrevistas e traduções que Rose produziu no intuito de auxiliar no processo de formação da chamada “nova consciência”, advinda da contracultura de então. Segundo sua ótica, a luta feminista no contexto singular do Brasil, deveria romper a incomunicabilidade entre os sexos trazendo um projeto de mundo em que homens e mulheres se sintam iguais e que isto seja naturalizado. Muraro proclama: “ABAIXO O MACHÃO! E viva o mundo andrógino!!! Bem, bichos e bichas, o andrógino é um papo muito especial e fica para o próximo número (MURARO, Rose Marie. *Feminismo e Androginia*. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06-07).

### Considerações Finais

As ideias diversificadas e visionárias de Muraro não cabem na referida produção aqui apresentada, dedicada as suas ideias relacionadas não apenas ao feminismo, mas também a contracultura promovida por parte da juventude dos anos 60.

Sua contribuição ímpar para o cenário cultural brasileiro lhe rendeu o título de “patrona do feminismo brasileiro”, entre outros títulos e prêmios. Muraro autointitulava-se simplesmente como uma “porra-louca”. Foram inúmeras palestras, artigos, livros e traduções abordando não apenas a luta feminista, mas também a ecológica, os jovens, a contracultura, entre outros movimentos sociais minorizados na História oficial. Muraro sempre se colocou ao lado dos jovens “aquarianos”, pertencentes à Era eletrônica: “Sinto-me, também, como os jovens, marginal a uma sociedade rígida e competitiva” (MURARO, Rose Marie. *Feminismo e Androginia*. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06-07). A

juventude, segundo a escritora estava fazendo do mundo uma aldeia planetária, desterritorializando a vida e desterrando costumes culturais cristalizados.

Muraro diz sobre os jovens:

(...)Como nos primitivos, há entre eles uma comunhão, um senso do concreto, do mítico e do místico, que é completamente novo no mundo de dez mil anos para cá. Apresentam uma grande precocidade intelectual e afetiva em relação à geração anterior, devido aos estímulos dos meios eletrônicos que receberam desde a infância e que aquela geração não recebeu. A crise de gerações não é pois, igual à dos outros tempos. São quase dois mundos, duas espécies humanas diferentes que se entrecrocaram. Quase. Nessa área de jovens mutantes descobri também que o problema da mulher já era. Foi aí que minha cuca fundiu (MURARO, Rose Marie. *Feminismo e Androginia*. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.07).

Não podemos reduzir Muraro apenas em sua luta feminista, tendo em vista as muitas dimensões que suas ideias nos leva. Dos jovens mutantes a questão ecológica, do feminismo a androginia, das drogas a militância na Esquerda Católica, sua base de pensamento consiste na crítica sistemática ao sistema capitalista patriarcal e seus aparatos de dominação que ocasionam as dualidades e conseqüentemente a opressão, o sofrimento e as neuroses.

As ideias libertárias de Muraro alcançam o século XXI ainda como transgressoras frente a um país arraigadamente machista e que passa por um momento de grande retrocesso em todos os âmbitos, com as alas conservadoras da direita em crescente ascensão. A questão sexual não foi ainda superada e a luta de homens e mulheres por uma sociedade mais justa e, portanto, feminista, necessária.

## Referências

- BROWN, Norman O. A vida contra a morte: o sentido psicanalítico da História. Editora Vozes. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, Vozes, 1972.
- COOPER, DAVID. A Morte da Família. Tradução de Jurandir Craveiro: revisão Margarida MC Oliva. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- DIAS, Lucy. Anos 70: enquanto corria a barca. Editora Senac São Paulo, 2003.
- MACIEL, Luiz Carlos. A Morte Organizada. Rio/São Paulo, Global e Ground, 1978.
- MURARO, Rose Marie. Memórias de uma mulher impossível. 5 ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2004.
- \_\_\_\_\_. A mulher no terceiro milênio. Editora Rosa dos Tempos, 1992.

## Fontes

- JARY. Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher (entrevista com Rose Marie Muraro). **Bondinho**, São Paulo. 31/03 a 13/04 de 1972, p. 45.
- MURARO, Rose Marie. Feminismo e Androginia. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06-07.
- Novos Baianos. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.22-23.

## Entrevista

- MACIEL, Luiz Carlos. Luiz Carlos Maciel: depoimento [set.2005]. Entrevistadora: Patrícia Marcondes de Barros. Leblon, Rio de Janeiro.